

## **A importância da ludicidade no pensamento de Jean-Jacques Rousseau e o seu Emílio: o brincar como instrumento de aprendizagem, trazendo-o para contemporaneidade**

Ana Karyne Loureiro Furley - PPGE-CE/UFES/CAPES

anakaryneloureiro@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6736589692524594>

Herberth Gomes Ferreira-UFES

herberthgf@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/9246869415381080>

Hiran Pinel PPGE - CE/UFES/CAPES

hiranpinel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

### **RESUMO**

A proposta do artigo é descrever compreensivamente a importância do pensamento do filósofo e pedagogo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) acerca da ludicidade, do brincar e do brincar, inclusive o jogo (que traz a lume a ideia de regra) para a aprendizagem (e desenvolvimento) da criança na sua obra “Emílio ou Da educação”. A metodologia utilizada foi o estudo fenomenológica pela da leitura de textos bibliográficos (ROUSSEAU, 2017). Traça então uma ligação desse renomado autor do século XVIII com teóricos contemporâneos como Brougère (1995), Cunha (2007), Lovisaro (2011), Friedmann (2017) e Kishimoto (1996) que podem estar contribuindo para reflexões na qual o brincar e a ludicidade são ferramentas essenciais para a autonomia na infância. Concluiu-se que a ludicidade não pode ser tratada como fenômeno isolado, e sim como instrumento (ou processo vivido) de aprendizagem e potencializador da infância, e foca na valorização do adulto na mediação no lúdico como destaca Rousseau, na produção discursiva de Martins e Dalbosco (2013).

**Palavras-chave:** Rousseau, ludicidade, aprendizagem, autores contemporâneos .

Quando pensamos em infância, difícil esquecer de Emílio, romance escrito no século XVIII, por Jean-Jacques Rousseau. Minha proposta no presente artigo é levantar questões a respeito da ludicidade apresentada na obra “Emílio ou Da educação” na qual o autor apresenta a ludicidade como instrumento (ou processo vivido) de aprendizagem cognitiva e social em um ideal de liberdade e autonomia na constituição do ser criança.

Em várias partes da obra, sempre mediado pela personagem, Emílio, Rousseau trata do jogo, do brincar e do brinquedo na infância como potencializadores de experiências e aprendizado em busca de um ideal de liberdade e autonomia.

O mais importante intervalo da vida humana é o que vai do nascimento até a idade de doze anos. É o tempo em que germinam os erros e os vícios, sem que tenhamos ainda algum instrumento para destruí-los. E, quando chega o instrumento, as raízes são tão profundas, que já não é tempo de arrancá-las. (ROUSSEAU, 2017, p. 96)

Rousseau (2017) escreve a obra filosófica “Emilio ou Da educação”, no ano de 1762 a partir de um personagem fictício (Emílio) que seria acompanhado por ele (preceptor), desde o nascimento até a idade de 25 anos. Trata-se de um paradoxo, qual seja, a de que era o ato de educar um indivíduo em uma sociedade corrompida na qual, em sua visão, somente a educação seria capaz de transformação. Essa relação apresentada na obra entre educação, ludicidade e brincar faz suscitar uma série de indagações para pensarmos a infância, mas aqui destacamos uma: Qual a importância do brincar e da ludicidade no instrumento (ou processo vivido) de aprendizagem (e do desenvolvimento) em Rousseau e teóricos contemporâneos?

## **Metodologia**

Para o desenvolvimento do estudo, o procedimento metodológico baseia-se na pesquisa fenomenológica que busca referências em documentos bibliográficos, especialmente o livro de Rousseau (2017), apresentado em dois volumes. Ao mesmo tempo, mesmo estudando as duas obras e obras contemporâneas, não objetivamos esgotar o tema, ou mesmo produzirmos uma verdade absoluta e ou sólida nessa esfera. Como procedimentos adotamos o sugerido por Forghieri (2001) e Pinel (2017) que focam as possibilidades de aplicação do método fenomenológico de investigação procurando na produção bibliográfica aspectos subjetivos (dos modos de ser), no caso do nosso artigo, da criança frente ao brinquedo (objeto, por exemplo), o brincar (o ato de sentido junto ao brinquedo) sob o impacto do lúdico, que é a humanização desse processo educacional. Primeiramente nos envolvemos existencialmente com as obras citadas, e ao mesmo

tempo dela distanciamos nos propomos responder o que é para Rousseau e autores contemporâneos a ludicidade e o brincar, destacando a sua importância atual.

## **Resultados e discurso**

Nesse sentido, destacaremos algumas partes do I e II livro nas quais a temática apresentada é mais explicitada, devido tratar do período de 0 a 5 anos (I livro) e 5 a 12 anos (II livro), donde Rousseau estabeleceu uma nova maneira de pensar a infância.

Ele ressalta a necessidade de tratar a infância como infância, isto é, como uma fase específica do desenvolvimento humano, na qual não deve ser projetado o ponto de vista do adulto. “A criança tem suas maneiras de ver, de pensar e de sentir” (ROUSSEAU, 2017, p.15), diante disso deve ser respeitada como tal, e deve ser educada com limites, longe da sociedade degenerada que está inserida, protegida de qualquer tipo de vício por meio de uma educação negativa. Emílio deve receber uma educação para amar as ciências e seus métodos, em um processo educacional guiado pela razão, pela essência do conhecimento na formação de um ser ideal, onde:

Nascemos sensíveis, e desde nosso nascimento somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Logo que adquirimos, por assim dizer, consciência de nossas sensações, nos dispomos a procurar ou evitar os objetos que as produzem, primeiramente segundo elas nos sejam agradáveis ou incômodas; em seguida, segundo a conveniência ou a desconveniência que encontramos entre nós e tais objetos; e, finalmente, segundo os julgamentos que fazemos deles com base na ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos confere. (ROUSSEAU, 2017, p.43)

Essa interrogação pode nos gerar inquietações a respeito de como esse “ser” pode se compor como sujeito portador de uma linguagem brincante e como poderá experienciar e dar novos significados ao mundo através das sensações que a ludicidade produz, assim sendo destacamos:

Tomei, portanto, a decisão de dar-me um aluno imaginário, de supor a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar para sua educação, conduzindo-a desde seu nascimento até quando, tornando-se homem-feito, não terá mais necessidade de outro guia além de si mesmo. (ROUSSEAU, 2017, p.57)

Antes de qualquer coisa, ressaltamos que a experiência através dos sentidos e das coisas mais simples da natureza era prioridade nos ensinamentos de Rousseau. Ele estimava que a criança necessitasse desenvolver seus instintos, como processo: sentir frio, sentir a terra, se localizar na natureza para ressignificar sua existência. Mas tal experiência deve ser dada através do afeto entre criança e preceptor, entre Rousseau e seu Emílio. Relação tal qual pautada em uma neutralidade de convivência, para a formação de um “[...] cidadão no mundo tal como ele se apresenta [...]” (ROUSSEAU, 2017, p.29), autônomo, independente e adaptado à vida social e o que ela representa.

Nesse sentido, é preciso pensar a infância de Emílio a partir dos sentidos como prioridade absoluta, em uma trajetória de autonomia da infância para quando torna-se homem feito, não precise de outro guia que não seja ele mesmo. No decorrer da obra, percebe-se que essa trajetória traçada para o crescimento de Emílio está relacionada ao brincar, seja pelo jogo ou pela brincadeira. Rousseau descreve que para a primeira fase da infância é necessário que o adulto perceba e observe a criança em sua totalidade, individualidade, limites e liberdade para que a mesma possa perceber o mundo e as sensações através de estímulos. A liberdade é concedida a criança em todo o processo de maturação, desde rolar em um berço até engatinhar pelo chão, num encadeamento de fortalecimento dos membros. A respeito comenta:

Ela deseja tocar tudo, manusear tudo; não vos oponhais a essa inquietude; ela lhe sugere um aprendizado muito necessário, pois é assim que aprende a sentir o calor, o frio, a rigidez, a moleza, o peso e a leveza dos corpos, a julgar sua grandeza, sua forma e todas as suas qualidades sensíveis, olhando, apalpando, escutando e, sobretudo, comparando a vista ao tato, avaliando com o olhar a sensação que eles provocariam em seus dedos. (ROUSSEAU, 2017, p. 74)

Martins e Dalbosco (2013) nos pontuam acerca desses modos de ser adulto na educação das crianças na teorização de Rousseau:

Entretanto, Rousseau não quer com isso preconizar que a criança deve fazer o que bem entender e nem que o papel do adulto ou do educador seja dispensável. Para ele, a exigência do respeito ao mundo da criança é só mais um desafio para o educador, pois a criança precisa da sua ajuda. A criança como um ser frágil e de necessidades

precisa dos cuidados do adulto. Não é a criança que deve conduzir sua educação. Cabe ao adulto, ao mesmo tempo, ter o cuidado para não corromper o mundo dela e ajudá-la a crescer com autonomia e com a consciência de uma liberdade bem regrada. Ou seja, que ela cresça com a consciência de que a melhor das liberdades é aquela que não dispensa as regras.

É preciso observamos a criança para entendermos seu desenvolvimento e suas necessidades. “Estais alarmado por vê-la consumir seus primeiros anos não fazendo nada! Como! Ser feliz não é nada? Pular, brincar, correr o dia todo não é nada? Em toda sua vida, ela não estará tão ocupada” (ROUSSEAU, 2017, p.123). Para Rousseau, a razão é a última faculdade a se desenvolver no indivíduo e por assim dizer ele critica o método pedagógico tradicional que não respeita o modo da criança e suas especificidades. Nessa perspectiva, o jogo tem papel de destaque:

Amai a infância; favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós nunca não desejou retornar a essa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma está sempre em paz? Por que desejas privar esses pequenos inocentes do gozo de um tempo toa curto que lhe escapa de um bem toa precioso do qual não saberiam abusar? (ROUSSEAU, 2017, p.90).

Nesse mesmo sentido:

Não imagino nada tão agradável e tão útil quanto tais jogos, por pouco que se queira empregar destreza para ordená-los. Eu formaria, numa grande sala, uma espécie de labirinto, com mesas, poltronas, cadeiras e para-ventos. Nas inextricáveis tortuosidades desse labirinto, eu arranjaría, em meio a oito ou dez caixas de surpresa, uma caixa semelhante, repleta de doces; designaria, em termos claros, embora sucintos, o local preciso em que se encontra a caixa certa; daria informações para distingui-la que bastassem a pessoas mais atentas e menos estouvadas que crianças; então, após ter mandado sortear os pequenos concorrentes, enviá-los-ia, um após o outro, ate que a caixa certa fosse encontrada, o que eu teria o cuidado de dificultar, na proporção de sua habilidade. (ROUSSEAU, 2017, p.159).

A crítica que Rousseau faz em relação à infância diz respeito principalmente à projeção do universo adulto ao mundo infantil, seus modos de ser: ao método de ensino autoritário e tradicional religioso e a afirmação de que a criança deveria usar a razão.

Na construção desse ser criança, é preciso pontuar que social e historicamente, elas eram separadas de seus pais e criadas por amas-de-leite até que não tivessem mais risco de morrer em um período histórico no qual existiam muitos óbitos na primeira infância – era uma espécie de prevenção contra a morte como parte do existir. Era um período no qual a educação acontecia em internatos dos 8 aos 24 anos; uma sociedade composta por um sentimento de desapego, não separação dos períodos infância e adolescência, desvalorização às crianças desde a vestimenta e o comportamento. Tratava-se de um modelo que não condizia com a infância almejada pelo preceptor de Emílio. Sobre isso argumenta:

Há um exercício puramente natural e mecânico que serve para tornar o corpo robusto sem dar qualquer ensejo ao julgamento: nadar, correr, pular, girar um pião, lançar pedras, tudo isso é muito bom; mas temos apenas braços e pernas e pernas? Não possuímos também olhos e ouvidos? E são esses órgãos supérfluos ao uso dos primeiros? Não exercitai; portanto, somente as forças; exercitai todos os sentidos que as dirigem, tirai de cada um deles todo o proveito possível e, então, verificai a impressão que um produz no outro. Medi, contai, pesai, comparai. Não empregueis a força senão após ter estimado a resistência: fazei sempre com que a estimativa do efeito preceda o uso dos meios. Estimulai a criança a nunca a fazer esforços inúteis ou supérfluos. Se a acostumardes a prever, assim, o efeito de todos seus movimentos e a corrigir seus erros pela experiência, não resta claro que, quando mais ela agir, mais se tornará judiciosa? (ROUSSEAU, 2017, p. 154)

Logo:

Armemos sempre o homem contra os acidentes imprevistos. Que Emílio corra descalço, de manhã; em todas as estações, pelo quarto, pela escada, pelo jardim. Longe de repreendê-lo, eu o imitarei; terei o único cuidado de afastar o vidro. Logo falarei dos trabalhos e dos jogos manuais; de resto, que aprenda a dar todos os passos que favoreçam as evoluções do corpo, a tomar, em todas as suas atitudes, uma posição

confortável e sólida; que saiba saltar em distancia, em altura, subir numa arvore, pular em muro; que encontre sempre seu equilíbrio; que todos seus movimentos e seus gestos sejam ordenados segundo as leis da ponderação antes que a estática se meta a lhas explicar. (ROUSSEAU, 2017, p.162)

O brincar, a brincadeira desenvolverão na criança as capacidades sociais, cognitivas, sensoriais, afetivas, psicomotoras facilitando a construção do aprendizado seja em grupo ou individualmente de cada um (a). É necessário que brinquem e vivenciem em nível simbólico suas ideias para a compreensão das experiências vividas. Rousseau (2017) destaca a importância da formação corporal da criança. Aqui no Brasil, a psicóloga e pedagoga Martha Lovisaro (2011) destaca a importância de se trabalhar o aparelho psicomotor da criança para superar as dificuldades de aprendizagem, principalmente na fase da alfabetização para estruturar um campo perceptual, criar habilidades reflexivas de temporalidade na qual a motricidade caminha lado a lado do brincar e conseqüentemente lado a lado do processo cognitivo, exercitando o equilíbrio, a atenção, a percepção visomotora, a coordenação global do corpo, noções de espaço, noções de equilíbrio e ritmo, reconhecendo-se em seu próprio corpo através da auto expressão.

Encontramos no dicionário online Dicio, as seguintes definições para brincar, brincadeira, ludicidade e jogo:

Brincar: Divertir-se, folgar: as crianças gostam de brincar;

Brincadeira: ação de brincar, divertimento;

Ludicidade: característica ou propriedade do que é lúdico, do que é feito por meio de jogos, brincadeiras, atividades criativas;

Jogo: ação de jogar; folguedo, brinco, divertimento (Dicionário online de português).

A brincadeira, segundo Friedmann (1988) era na antiguidade um fenômeno social e de simbolismo religioso nos quais as crianças participavam como “fórmulas condensadas da vida, modelos em miniatura da historia e destino da humanidade” (p.29). A brincadeira tem importante papel de interação entre pessoas, crianças e adultos e vice-versa, em tempo histórico continuam sendo renovadas e constituídas por seus atores de

acordo com culturas específicas como ferramentas importantes para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo de uma criança e de uma sociedade.

A brincadeira constitui-se, basicamente, em um sistema que integra a vida social das crianças. Caracteriza-se por ser transmitida de forma expressiva de uma geração a outra ou aprendida nos grupos infantis, na rua, nos parques, escolas, festas etc., e incorporada pelas crianças de forma espontânea, variando as regras e uma cultura a outra (ou de um grupo a outro). [...] (FRIEDMANN, 1988, p.30)

A brincadeira é permeada de ludicidade, portanto, a atividade lúdica apresenta alguns aspectos que devem ser levados em consideração ao ser analisada, dentre eles: o tempo e o espaço, os jogadores, os objetos ou brinquedos, as ações dos sujeitos envolvidos, a relação meio e fins que estão destinadas. Compreendendo a atividade lúdica podemos indagar: aonde brincar, quando brincar? Com quem brincar? Com o que brincar? Que significados construir saberes através da manipulação física e mental dos objetos (brinquedos)? Atingiu seus objetivos enquanto brincava? Ao brincar, a ludicidade está presente, é através dela que a criança estabelecerá relações com o mundo que a rodeia, e mesmo que a brincadeira seja solta, algo está sendo criado, construído, apreendido devido o fato da criança resignificar o mundo que a cerca através de uma linguagem própria, individual e transformadora para seu crescimento enquanto ser no mundo.

Ainda:

Quando uma criança brinca com uma peteca, ela exercita o olhar e o braço na precisão, quando gira um pião, aumenta sua força ao emprega-la, mas sem aprender nada. Perguntei, algumas vezes, porque não se ofereciam às crianças os mesmos jogos de habilidades praticados pelos adultos: a pela, a choca, o bilhar, o arco, a bola, os instrumentos musicais. Foi-me respondido que alguns desses jogos estavam acima de suas forças e que seus membros e seus órgãos não estavam suficientes formados para os demais. Considero essas razões ruins: uma criança não tem estatura de um homem, mas não deixa de usar uma vestimenta como a sua. Não pretendo que ela jogue com nossos tacos em cima de um bilhar de um metro de altura; não pretendo que ela vá rebater em nossas quadras nem que seja colocada em sua pequena mão uma raquete de

mestre, mas que jogue numa sala cujas janelas estejam protegidas, que utilize apenas bolas moles, que suas primeiras raquetes sejam de madeira, depois de pergaminho e, finalmente, de corda de tripa esticada na proporção de seu progresso. Preferis a peteca porque é menos cansativa e não proporciona perigo. Enganai-vos quanto essas duas razões. A peteca é um jogo de mulheres; mas não há nenhuma que não fuja de uma bola em movimento. Suas peles brancas não devem se endurecer com as contusões, e não são contusões que seus rostos esperam. Mas nós, feitos para sermos vigorosos, acreditamos que o seremos se dificuldade? E de que defesa seremos capazes se nunca formos atacados? (ROUSSEAU, 2017, p. 172)

Nessa perspectiva, apresentamos aqui partes da obra “Emílio ou Da educação” na tentativa de demonstrar que o brincar para o fortalecimento da mente (cognição) e corpo (físico) era visto por Rousseau como algo primordial a partir das sensações no contato com o campo e com os camponeses. Os camponeses produziam sua subsistência através da natureza na qual o desenvolvimento das capacidades relacionais e cognitivas é estabelecido sobre a égide da sensibilidade da própria natureza fazendo o seu papel. Essa base percebida através da natureza projetaria mais tarde sobre sua conduta e desenvolvimento moral, mas tudo a seu tempo pois viver é o principal aprendizado.

O ser humano desde bebê explora o mundo através da percepção de movimentos, descobertas de sons, cheiros, cores, e a partir disso usa espaços ao seu redor através de atividades exploratórias que proporcionam construção de conhecimento e no brincar é exatamente isso que acontece. Assim como Emílio que se apresenta ao mundo através do choro, e aprende a se adaptar ao que o rodeia através dos sentidos, das percepções, do brincar e o brincar é vital para a infância. A pedagoga Nylse Helena da Silva Cunha foi uma grande pesquisadora nessa área, criando materiais de um sistema de estimulação, material esse que é brinquedo, que pode gerar brincadeiras vividas em um sentido de ludicidade (CUNHA e CASTRO, 1981).

Para Cunha (apud FRIEDMANN, 1988) o brincar é essencial à saúde emocional, física e intelectual do indivíduo, é através do brincar que nos reequilibramos, desenvolvemos atenção e trabalhamos emoções para novas possibilidades de existência.

Outra ferramenta, e não menos importante é o jogo, e de acordo com Brougère (1995) o jogo pressupõe uma função como determinante no interesse para seu uso legítimo. a representação é estabelecida desde o princípio, estipulada, marcada como território existente e fragmentado por regras definidas com objetivos funcionais em um processo de etapas para um alcance estabelecido.

O brinquedo ao contrário, possui valor simbólico e sua representação é no âmbito da intimidade e individualidade para a criança enquanto ser brincante diante na representação. A função social é marcada a todo tempo, seja no brinquedo ou no jogo, a partir de representações da vida cotidiana social do meio que a criança está inserida através desses meios de conduta social. Diante desse processo de aprendizagem social, meninas e meninos brincam, e ao brincar aprendem a desempenhar papéis sociais de mulheres e homens na vida adulta, posição almejada por ambos. A criança a partir da ludicidade, “é conduzida a manipular uma imagem de si mesma, transposta para um mundo diferente ao qual pode dar vida e com o qual pode se identificar ao mesmo tempo” (1988, p. 46).

É o próprio Brougère destaca Rousseau em sua obra. Para ele, o romantismo “que forneceu o cenário no qual se pôde pensar numa valorização da brincadeira” (1988, p. 92). Ele enfatiza que a partir desse educador um novo olhar foi dado para a criança e para a infância, possibilitando uma relação da mesma com a natureza, onde a criança passa de um ser em miniatura, tal como um animal para um ser conduzido pela natureza tendo a brincadeira como principal meio de educação, donde resulta da seleção natural, como um instinto que guia a aprendizagem através da vivência em relações interindividuais no seu próprio processo de maturação corporal para a vida adulta em uma mutação de sentidos da vida diária.

Ao contrário da razão, a naturalidade nessa filosofia estabelece que a criança seja percebida como ser de valor, de verdade, e para isso faz-se necessário desenvolver a confiança na criança. “Tornar a brincadeira um suporte pedagógico é seguir a natureza” (1988, p. 91), visto que o afeto e confiança foi uma das poderosas armas que Rousseau usou na educação com Emílio.

Todas as crianças têm medo de máscaras. Começo mostrando a Emílio uma máscara de fisionomia agradável; depois alguém põe essa máscara no rosto diante dele: eu rio e todo mundo ri e a criança ri como todos. Pouco a pouco acostumo-a a máscaras menos agradáveis e finalmente a caras horrorosas. Se tiver ordenado com cuidado a gradação, ela há de rir das últimas como da primeira. Depois disso não receio mais que a assustem com máscaras. (ROUSSEAU, 2017, p.72-73)

A ludicidade presente no brincar e no brinquedo é apresentada várias vezes no decorrer dos livros I e II da obra “Do Emílio ou Da educação” através da relação de preceptor e aluno, no qual o brinquedo e o brincar são ferramentas indispensáveis para a construção de uma subjetividade (ou modos de ser) única do Emílio, um ser socialmente perfeito no olhar de seu preceptor Rousseau. A ludicidade aparece, então, na obra de Rousseau como potência enquanto aprendizagem e criação de uma metodologia de ensino libertador em um período onde o ensino tradicional jesuítico predominava nos lares burgueses europeus. Emílio vivenciaria saberes e condutas sociais estabelecidas e no mesmo percurso de tempo, se constituiria como ser social autônomo, acima da ignorância do senso comum, tão criticado na obra do autor.

## **Considerações Finais**

Partindo da premissa que a infância, período de 0 a 12 anos, é um período de formação cognitiva, emocional e social, compreendemos acerca da importância da ludicidade no pensamento de Jean-Jacques Rousseau e seu Emílio, que ganha destaque contemporâneos a partir da produção discursiva atual acerca do ser criança no lúdico.

Sem pretender dar respostas definitivas e reconhecendo que somos iniciante em pesquisa, acreditamos que o brincar em Rousseau e resgatado direta e ou indiretamente na contemporaneidade pode (e é) um instrumento de aprendizagem, que preferimos denominar de processo educacional vivido, que nas mãos de um educador (adulto) faz sua travessia para outro humanismo de ser criança e ser adulto frente à autonomia do pequeno.

Finalmente destacamos também a importância do ato sentido de brincar para o desenvolvimento (e aprendizagem) humano, como das percepções, ressignificações de

sentidos para uma educação natural, na qual a criança é constituída ser autônomo e social. Dentro dessa perspectiva cabe ressaltar o brincar como oportunidade de desenvolvimento de capacidades sensoriais, psicomotoras, cognitivas, sociais e afetivas, no qual o ato de brincar tem papel de suma importância como instrumento (ou processo vivido) facilitador em um processo de aprendizado. E em um ideal rousseauriano Cunha (2007) nos interroga: “Será que como educadores, conseguiremos ainda que por alguns momentos, sermos apenas os produtores do espetáculo e não os dirigentes?” (p. 9).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4ª ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

CUNHA, Nylse Helena Silva; CASTRO, Iracy M. Correa e. **Sidepe Sistema de Estimulação Pré-Escolar**. São Paulo: Cortez, 1981.

DICIONÁRIO online de português. **Dicio**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> [Acesso em: 28 de Dezembro de 2017].

KISHIMOTO, Tizuco M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

LOVISARO, Martha. **Psicomotricidade aplicada à escola: guia prático de prevenção das dificuldades de aprendizagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MARTINS, Maurício Rebelo; DALBOSCO, Claudio A. **Rousseau e a primeira infância. Filosofia e Educação**. Volume 4, Número 2. Outubro de 2012 – Março de 2013. p. 82-99. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635425/3218> [Acesso em: 06 de junho de 2017]

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. São Paulo: Edipro, 2017.

## SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Ana Karyne Loureiro Furley - <http://lattes.cnpq.br/6736589692524594> -Aluno UFES - Programa de Pós Graduação em Educação. Brasil. Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/ CE/ PPGE. Pedagoga (MULTIVIX), Pós-graduada em Didática do Ensino Superior (MULTIVIX) e Psicopedagogia (FABRA). Bolsista CAPES.

Herberth Gomes Ferreira- <http://lattes.cnpq.br/9246869415381080> - Possui graduação em Serviço Social com pós-graduação em Políticas Sociais. Pós-graduação e mestrado em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Graduando em filosofia (licenciatura) na UFES. Leciona filosofia no projeto social comunitário Educal (Educação Alternativa).

Dr. Hiran Pinel - <http://lattes.cnpq.br/8940226139303378> -UFES - Programa de Pós Graduação em Educação. Brasil. Professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/ CE/ PPGE. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da UFMG. Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Mestre em Educação pela UFES/ CE/ PPGE. Psicólogo, pela Newton Paiva, Belo Horizonte, MG. Pedagogo, pela UNIUBE, Uberaba, MG. Líder da linha de pesquisa “Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas”, membro da linha “Educação Especial e processos inclusivos” e coordenador do subprojeto “Aprendizagem e Desenvolvimento Humano numa Perspectiva Fenomenológica Existencial”. Autor de livros e artigos científicos.